

fonte: FSP

class.: 127

data: 19/5/95

pg.: 5

Darcy Ribeiro defende sua teoria do Brasil como 'a nova Roma'

Da Reportagem Local

O antropólogo Darcy Ribeiro, 72, deu seu tradicional show de eloquência em sua palestra de anteontem à noite no evento Banco Nacional de Idéias, em São Paulo.

Falando a um público de quase 200 pessoas, o antropólogo partiu dos temas do evento — "multiculturalismo", "transculturalismo" e "sincretismo cultural" — para discutir as principais teorias antropológicas adotadas para explicar as relações entre as culturas na formação do "povo brasileiro".

Começou por refutar a idéia de "aculturação" como influência recíproca de duas culturas. Segundo ele, o que houve foi a destruição de culturas pelos europeus.

"A expansão do homem branco

foi a maior catástrofe da história humana", afirmou. "Antes a humanidade tinha dezenas, centenas de caras, com modos de viver diferentes. A expansão europeia reduziu essa diversidade."

Ribeiro rejeitou em seguida a teoria do "relativismo cultural": "É bonito dizer que as culturas devem ser respeitadas em sua diferença. É como dizer que galinha não é inferior a rinoceronte. Mas é fechar os olhos à destruição brutal de povos pelos europeus".

Como alternativa às teorias rejeitadas, o antropólogo apresentou seu conceito de "transfiguração étnica", que estuda como os povos surgem e se transformam por forças bióticas (doenças, mudanças genéticas) e ecossociológicas (por exemplo, o afastamento de povos

indígenas de áreas que passaram a ser ocupadas por gado).

Darcy Ribeiro criticou com veemência a antropologia moderna. Segundo ele, esta se tornou "deliberadamente burra", transformando-se numa espécie de "barbarologia", que cataloga minúcias sobre milhares de povos considerados exóticos, mas se exime de interpretar e explicar o desenvolvimento humano.

Lançando mão dessa ambição explicativa, Ribeiro resumiu alguns pontos de seu livro "O Povo Brasileiro", recém-lançado pela Companhia das Letras.

Entre os conceitos mais interessantes e divertidos que apresentou está o de "ninguendade".

De acordo com Ribeiro, os primeiros portugueses a chegarem aqui logo perceberam que podiam dominar melhor os índios entrando em sua estrutura de parentesco ao tomar índias e "emprenhá-las".

"Os filhos que nasciam não se reconheciam nas mães nem nos pais, eram 'nadas'. Dessa 'ninguendade' de mamelucos, e também da dos mulatos, nasceu o povo brasileiro", afirmou.

O antropólogo reafirmou sua idéia algo ufanista de que a civilização surgida dessa mistura de raças transforma o Brasil na maior expressão neolatina do mundo: "A nova Roma é o Brasil, a província mais rica e mais bela da Terra".

Depois da exuberância verbal e imagética de Darcy Ribeiro, a intervenção do arquiteto carioca Paulo Casé (que substituiu Oscar Niemeyer à última hora) teve um sabor de anticlímax.

Lendo textos que escreveu há anos, o arquiteto historiou a busca de uma arquitetura brasileira, não colonizada, e arrancou bocejos da platéia.

O cineasta Cacá Diegues falou a seguir e reanimou a noite. Sintetizou com uma clareza exemplar as idéias de Ribeiro em seu novo livro e, de quebra, situou o antropólogo na linhagem de intelectuais que se dedicaram a pensar o país (Gilberto Freyre, Mário de Andrade, Sérgio Buarque...).

Esses intelectuais, segundo Diegues, perceberam que, "se a América do Norte se apresentava como pátria de todas as etnias e culturas, nós éramos a pátria das novas etnias e das novas culturas".

Diegues lembrou que, quando criança, perguntou ao pai quem era Darcy Ribeiro, e o pai respondeu: "É o mais metido, o mais maluco e o melhor de todos nós".

O cineasta ressaltou a idéia de um projeto utópico para o país em Ribeiro. "Se, apesar de tudo, ainda persiste a idéia de uma civilização do afeto e do prazer, é porque este deve ser o mais profundo e belo projeto inconsciente nacional."

(JGC)